

TRIBUNA ACADEMICA

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO.

SEXTA FEIRA 1.º DE JULHO DE 1864.

ANNO 1.

N. 1.

Assigna-se a 30000 por trimestre, e subscreve-se nesta typographia, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

TRIBUNA ACADEMICA.

Rio, 1º de Julho.

Dar aos lidadores novéis guarida util e franca ;
Provocar o concurso das intelligencias pelo meritorio incentivo da emulação ;
Estreitar em fraternal amplexo as Escolas Central, Militar e Medica ;
Procurar com o concurso das tres attingir uma mira grandiosa e util ;
Animar e acoroçar os esforços d'aquelles que com ardor e interesse se entregam ás lidas intellectuaes ;
Entregar a apreciação de todos o resultado dos estudos, filhos das mesmas Escolas ;
Espancar o preconceito, que, de collo erecto, impera entre nos de que só á sabios é dado expender suas ideias ;
Calar nos peitos de todos a verdade — de um soldado bisonho não ha exigir-se manejos de general ;
Indagar do criterio d'aquillo que nos dizem os provecos nos estudos ;
Habituar os principiantes ás investigações scientificas ;
Convence-los de que, por pouco que se distingam no certame, opimos são, não obstante, seus despojos ;
Eis as aspirações de nossa *Tribuna*.
Nada de programmas pomposos, porém falsos ;

FOLHETIM DA TRIBUNA ACADEMICA.

CANOVA

POR

AMÉDÉE PICHOT.

Traducção

DE

F. da C. Beltrão de A. Pereira.

No anno de 1780, um mancebo, natural de Possagno, no Reino de Veneza, chegava a Roma com o projecto de estudar desenho e gravura, com um dos mestres, então, de nomeada. Cliente da rica familia Falieri, esse mancebo obscuro não deixára seus primeiros protectores sem trazer algumas cartas de recommendação para as illustrações e potestades da capital do mundo christão.

— Qual destas cartas entregarei primeiro? Se perguntava elle, percorrendo os endereços; eis aqui uma para o Sr.

Nada de aspirar grandesas, e baquear de improvisos ;
Nada de comparar os passos vacillantes e incertos dos novatos com o caminhar firme e prene de interesse, dos abalisados ;

Viver vida modesta porém util é todo o *desideratnm* do nosso *periodico* ;

Falhas têm sido muitas tentativas semelhantes, mas, qual infeliz á borda de um abysmo, não ha para nós recuar:

Sabemos aquilatar a difficuldade da tarefa, porém não retrogradamos.

Considerar-nos-hemos onzenados se, em retorno de nossos esforços, obtivermos indulgente e animador acolhimento.

Do somno, sua causa e effeitos.

Tis hard to say, if gnoter want of skil
Appear in writing or in judging ill.
A. Pope.

Baldor de conhecimentos scientificos e soldado muito novél nas lides que tanto celebraram o antigo medico de Cós, nem de longe nos veio á idéa a fôfa pretensão de escrever um artigo cuja paternidade fosse toda nossa.

Ao envez de certas pessoas, que irreflectidamente querem ostentar conhecimentos muito superiores aos que lhe são possiveis ter adquirido em uma idade tão nova que, nem ao menos

Volpato, outra para Gavim Hamilton, uma outra para S. Ex. Monsenhor Zuliana, embaixador de nossa republica. . . . Eu terei sempre tempo de vêr os pintores estrangeiros e de ir apresentar meus respeitos ás celebridades; vejamos em primeiro lugar o mestre de quem ambiciono tornar-me discipulo.

O joven veneziano seguiu caminho da casa de Volpato.

Giovanni Volpato, conhecido, ha muito, sob o cognôme de João Renard, estava á testa d'essa brilhante escola de gravura d'onde sahiram tantos discipulos illustres. Não era um mestre sc-nenos em todas as outras artes de desenho. Esse buril tão puro e tão claro, essa intelligencia tão perfeita nos talhes e nas pontas seccas, esse vigor, essa precisão, esse relevo que admiraes nas estampas de Raphael Morghen, é as lições de Volpato, seu mestre, e á imitação de seu estylo que deveis.

Quando o protegido dos Falieri foi introduzido na officina de Volpato, este, que desenhava segundo o modelo, vendo entrar um mancebo, contentou-se em pedir-lhe, com algumas palavras cheias de benevolencia, que tivesse a bondade, a menos que não fosse guiado por um negocio urgente, de relevar sua preocupação de artista, e permittir-lhe que terminasse a sua occupação. O mancebo, mais discreto, queria retirar-se, um pouco contrariado por ter escolhido uma hora impropria:

lhe permittia passar uma vista rápida por sobre o que de bom tem escripto os grandes mestres, vão com a maior impudencia stentar como seus, conhecimentos alheios, nós nos orgulhamos em dizer, sem a menor reserva, que estu lendo os escriptos dos homens abalisados, e esforçando-nos por dizer, com alguma cousa de nosso, o que elles haviam dito, não julgamos ter, nem de longe, abrogado o nosso privilegio de pensar e reflectir.

Escrevendo esse apoucado trabalho não tivemos, repetimos, a pretensão de mover a camarina; porém sim accedemos ao pedido de alguns amigos e a certeza em que estamos de que das contestações, que nos hão de appresentar nascerá a luz que ambicionamos em extremo.

Aos nossos amigos pedimos critica leal e sincera e desprezamos a d'esses Aristarchos que nada sabem fazer; porém tudo censurar e lembramo-lhes o que nos diz em seu Ensaio sobre a Critica o celebre poeta britannico:

Ten censure wrong for one who writes amiss.

As descripções e explicações do somno só começaram a apparecer desde a época em que a Physiologia começou a gosar dos fóros de sciencia. Foi justamente do seculo XVII em diante que a Physiologia deixou de ser um longo e fastidioso romance e passou a entrar no mappa das sciencias; d'onde devemos concluir que os antigos não podiam explicar scientificamente todos os phenomenos da vida do homem, tão poucos e limitados eram os seus conhecimentos!

E, com effeito, assim devia ser; porque todas as sciencias se mostram fracas, incertas e cheias de erros, que só podem ser destruidos pelo tempo e pelos homens; pouco a pouco os erros vão se desprendendo dos principios verdadeiros e o horizonte scientifico, que, então, se mostrava escuro e triste, agora se apresenta alegre e cada vez mais, á proporção que a observação do homem se torna mais rigorosa. E' assim que a sciencia se forma, e com ella os grandes homens. Não admira portanto que os antigos ignorassem muita cousa, pois elles na maioria das questões apoiavam-se na fé e davam os factos

— Não, não, senhor, replicou Volpato, fazendo-lhe signal para ficar; se não podeis esperar, a cortesia obrigar-me-ha a interromper meu trabalho.

O mancebo julgou-se demasiado feliz com a permissão, e, de pé a alguma distancia do mestre, percorreu a principio a officina com um olhar religioso; mas um unico objecto não tardou a attrahir e absorver toda a sua attenção.

O modelo que pousava ante Volpato era uma joven que tinha apenas 17 annos; era impossivel imaginar uma physionomia mais viva e mais seductora, formas mais esveltas e mais graciosas, uma figura em melhor apostura. Sua tunica Grega e a mascara que lhe vendava os olhos indicavam que ella queria representar Thalia; mas a intelligencia e finesa de seu sorriso, a doce mofa que errava sobre seus labios roseos, e não sei que atmosphera celeste esparsa em derredor de sua pessoa, poderiam fazer crer, no tempo da Roma pagan, que era a musa comica em pessoa descida do Olympo.

O mancebo não podia, ao menos, persuadir-se que fosse dado a um simples mortal realisar em seus traços e em suas aposturas um semelhante edeial; immobil, á alguns passos do cavallete, estava em extasis, acreditando-se embalado por um sonho de poeta. A joven, como se advinhasse o que se passava em sua alma, parecia compraser-se em perturbar-

como provados, tanto assim que, Gaubius, entre outros, dizia *é melhor parar do que caminhar pelas trevas.*

A incredulidade moderna porém, não admite um tal axioma e é talvez por isso que as sciencias tem dado passos gigantes. Assim pois, vejamos se podemos achar uma causa para o somno. Alguns Physiologistas tem dito que a causa do somno é um affluxo de sangue, que do coração sobe ao cerebro; será isto verdade?

A observação nos mostra que muitos individuos podem conciliar o somno apenas banindo do seu cerebro todos os pensamentos que o possam preoccupar e tomando sobre o leito uma posição horizontal afim de favorecer a subida do sangue para a cabeça. Mas isto não prova a questão; porque se assim fosse adormeceríamos sempre que nos deitássemos e isto é exactamente o que nem sempre se vê, pois individuos ha que não conciliam o somno mesmo tendo todas as condições favoraveis, como por exemplo: um silencio profundo, nenhuma idéa que preoccupem, um bom leito, etc., etc. Não podemos portanto admittir que a causa do somno seja o affluxo do sangue para o cerebro, exercendo sobre elle uma ligeira pressão. O somno é um effeito immediato da organização e como tal, não pode ser explicado por uma lei physica.

A exemplo de Bichat, nós distinguimos duas sortes de vidas, a organica e a animal; á vida organica preside a lei da não interrupção das funcções dos seus órgãos; assim vemos a circulação, e a respiração não serem interrompidas senão quando a propria vida o é; á vida animal preside, pelo contrario, interrupções maiores ou menores, nas funcções dos seus órgãos; assim vemos os musculos que pertencem a esta vida ficarem por muito tempo em um estado de repouso sem que a morte siga a vida; os sentidos, pertencendo á vida animal, não podiam furtar-se a esta lei; assim cada sentido se fatigando, por sua vez, necessita de repouso, e, logo que todos elles necessitam d'esse repouso, vem o que nós chamamos somno. O somno, pois, não é outra cousa senão o repouso dos sentidos, e, é por essa razão que, os animaes á elle não se podem furtar; assim o dormir e o não dormir não está em

lhe ainda mais os pensamentos: cada um de seus olhares lhe é directamente dirigido, cada um de seus gestos o chama, e essa physionomia mobil, exprime uma multidão de sentimentos que o fazem alternativamente corar e empallidecer.

Entretanto, Volpato se impacienta e se interrompe com um gesto de despeito:

— Louca Dominica! exclama, não podias guardar ainda um momento essa attitudo, que se casava tão bem com o meu ideial. . . . Vamos, vejo que tu queres me fazer comprehender que estás fatigada esta manhan; basta por hoje: vem abraçar-me, filha.

— Sua filha! . . . Sua filha! se diz o mancebo; graças aos céus, não é de um modelo que estou apaixonado. E sentiui correr de seus olhos lagrimas de alegria, vendo a louquinha, porém ingenua Dominica lançar-se nos braços de seu pai.

— Perdão, senhor, lhe diz em seguida Volpato; não tive para convosco a menor cerimonia, graças á franca liberdade de officina; agora, estou ás vossas ordens, sou todo vosso.

O joven veneziano tirou do seio a carta de Faleri e entregou-a a Volpato, que a leu a meia voz, ao passo que o mancebo continuava a contemplar Dominica, que ia e vinha na officina arrumando os cartões, os buris, os lapis e os pincéis;

nossa vontade. Agora, que já demos a nossa opinião sobre a causa do somno, vamos passar a dizer alguma cousa sobre os seus effeitos.

Desde os tempos, em que os primeiros Anatomistas começaram a entrar na indagação dos usos de certos órgãos, se soube que os ligamentos que ficam entre as vertebrae, sendo elasticos por sua natureza, podem augmentar ou diminuir a extensão da columna vertebral, conforme a maior ou menor pressão exercida sobre ella. D'ahi facilmente se conclue que no momento em que despertamos de um somno muito prolongado sempre nos achamos mais altos do que nos houveramos deitado. Todavia, este augmento não é apreciado de uma maneira sensível, porque elle é muito pequeno, pois, não passa de meia pollegada.

O somno é de uma grande vantagem em certas molestias, pois elle poupa ao doente o soffrimento de horribes dores: nas inflammações e em certas molestias nervosas; como, por exemplo, no delirio, nós tivemos occasião de observar, na nossa curtissima pratica, que os doentes adquiriam melhoras consideraveis, depois de um somno muito prolongado.

O somno dá grande energia aos projectos do homem; é assim que muitas vezes estamos na indecisão sobre o partido que devemos tomar sobre este ou aquelle projecto e de manhã ao despertar, temos uma firme resolução, resolução esta que algumas vezes é tão conforme ao bom senso que parece ter sido previamente meditada por uma reunião de homens sensatos.

O somno é de uma necessidade absoluta na vida do homem e mais na mocidade do que na idade avançada, o que parece depender da predominancia de nutrição do primeiro destes dous periodos de vida. D'ahi vem que, os recém-nascidos dormem quasi sempre. Os meninos são quasi sempre muito dispostos a dormir, e não se despertam senão quando sentem necessidade de alimentos.

O somno transmite á physionomia do homem, os traços, os mais alegres, e isto se conclue da sua contraprova, pois, as vigílias muitas vezes causam melancolia.

porém sem fazer barulho afim de não perturbar a leitura de seu pai.

« O portador, meu caro Volpato, é um joven protegido que recommendo a vossas lições e á vossa amizade; ou eu me engano muito, ou ter-me-heis de agradecer algum dia um semelhante discipulo. Como vós, elle nasceu artista. Chama-se Antonio Canova; seu pai, Pedro Canova, canteiro em nossa pequena aldêa de Possagno, tendo morrido, deixou-o com tres annos de idade; sua mãe passou a segundas nupcias, e deixou o pobre menino entregue á caridade de seu avô Pasimo que bem quizera vê-lo succeder-lhe como canteiro hereditario do paiz; porém o menino era demasiado delicado para um mistér tão arduo, e não se servia da trôlha paterna senão para amassar a argila de que fazia figuras de toda a especie, á capricho de sua imaginação. Um dia de gala, meu mordomo apercebeu-se que faltava, para o melhor prato de sobremesa, um ornamento de pastelaria; consultou o velho Pasimo, que, como canteiro, podia dar alguns conselhos de artista. Vendo-se Pasimo embaraçado, seu neto, então de doze annos, apoderou-se da massa, e, em um instante executou o modelo de um leão, que, servido poucas horas depois em um bolo sovado, excitou de tal sorte a admiração dos convivas, que o auctor foi chamado para receber suas congratulações. Amigo das artes, meu caro Volpato, notei

E' ajuda o somno quem nos dá o sonho e o sonho, segundo a phrase de Nobilis, é o preservativo contra a monotonia da vida. Sem o sonho, continúa elle, nós envelheceriamos certamente muito cedo, e pode-se considerar senão como um dom immediato da Providencia, ao menos, como um alegre companheiro associado por Ella á nossa peregrinação ao tumulo. Objectar-se-ha que o sonho, muitas vezes, não tem essa tão grande utilidade, porisso que, elle, muitas vezes, nos incommoda a ponto de nos fazer acordar em sobre salto; mas responde-se que isso é causado pelo excesso do dormir, e a prova está em que os sonhos, quasi sempre, apparecem de manhã.

F. H. Pereira Lima.

● direito da guerra.

O estudo da natureza do homem estabelece como direitos seus absolutos a igualdade, liberdade e propriedade.

Esses direitos, porém, nada valeriam, se não houvesse uma garantia contra aquelles que não quizessem respeitá-los.

Era necessaria a faculdade de obrigar o seu reconhecimento; permitindo o seu livre exercicio, e a reacção no caso de resistencia.

O direito de segurança é por tanto um direito absoluto, fundado na natureza humana.

E' o direito de repellir a força pela força, de reagir contra a invasão de nossos direitos absolutos.

As associações politicas não podiam perder o que pertencia a seus elementos constituintes, ellas tem igualmente direitos absolutos, que se denominam soberania, igualdade e independencia.

Os direitos do homem, porém, no estado social não podem ter a mesma extensão que lhes dá o direito natural.

Como circumferencias que se cortam os direitos de todos os individuos foram restringidos, sendo o de segurança depositado nas mãos da auctoridade.

Esse principio nenhuma applicação poderia ter aos individuos moraes, — nações.

alguma cousa mais que um talento de pasteleiro n'esse admiravel bolo sovado, e eu mesmo conduzi o pequeno Antonio a Veneza, onde o entreguei aos cuidados dos nossos melhores mestres; porém conto comvosco para aperfeiçoar sua vocação.

« Sêde para com elle um mestre e um pae. »

— Mancebo, diz Volpato ao terminar a leitura, eu devo tanto a monsenhor Falieri que não lhe posso negar coisa alguma; desde este momento sois do numero dos meus discipulos. Deixae a estalagem em que assistis; tenho uma camarazinha onde ha um leito vasio para vós... Dominica, chamae Raphael.

Emquanto Antonio agradecia seu recém-mestre e dizia (comsigo) ingenuamente que era o mais feliz dos homens, não sem haver lançado uma vista d'olhos a Dominica, no momento em que ella se afastava para executar a ordem de seu pae; um mancebo de cabellos loiros e crespos, olhos vivos e caminhar desembaraçado, entrou na officina.

— Raphael Morghen, lhe diz Volpato, eis aqui um camarada que vos dou; desejo que elle seja para vós um amigo e um irmão. Ide com elle buscar sua mala, e co'vêi, se elle assim o quizer, as ruas de Roma, comtanto que sejam de volta para a co'ia.

Sob a direcção de um tão habil mestre, os dois mancebos

As nacionalidades repellindo uma autoridade superior, conservaram toda a extensão a seus direitos.

E como fazer respeita-los quando esquecidos por outra nação?

Como proceder em qualquer emergencia, em que não prevaleça a razão e a justiça?

Não produzindo resultado os meios que a prudencia aconselha, esgotados os coercitivos, só resta appellar para a guerra, pedir á força o que a razão não póde conseguir.

Estabelecido por esta fórma, é o direito da guerra fundado em uma necessidade real, é para as nações o mesmo que o de segurança para o individuo.

E as consequencias que resultam de seu exercicio, são igualmente legitimas, por isso que as nações belligerantes estão convencidas da justiça de suas causas, e da necessidade dos meios que põem em acção.

Entretanto esta theoria acceita e confirmada pelo direito não póde calar uma verdade que a experiencia justifica.

Triste é a condição da humanidade, cujas familias, pela força material, decidem onde está o direito e a justiça!

A victoria é do mais forte, e o fraco vendo seus direitos offendidos, só tem o recurso pueril de protestar perante as nações civilisadas!

Estas considerações poderiam abalar o direito da guerra, pela injustiça de suas consequencias, se a sua necessidade real não prevalecesse, e sempre se apresentasse outro meio de solução para as questões internacionaes.

Debalde, porém a politica e a diplomacia tem procurado resolver o problema; apenas a civilisação tem modificado o exercicio desse direito, diminuindo os males que d'elle resultam.

As nações tem comprehendido que o fim da guerra é a paz, que durante ella só é permittido o que conduz a esse resultado.

Segundo os principios da sciencia, actualmente os exercitos belligerantes são considerados massas de aggressão e de resistencia.

foram dentro em pouco rivaes de talento e Volpato dizia muitas vezes que achar-se-ia embaraçado em dar preferencia a um d'elles. Essa emulação não perturbou sua boa intelligencia; mas não tardaram a descobrir que existia entre elles outra rivalidade afora a do talento.

Raphael e Antonio a mavam Dominica.

Para ambos, era ella a musa da officina. Inspirava-lhes seus mais felizes pensamentos. Era á ella mais que á seu pae que elles procuravam agradar por uma assiduidade constante, uma docilidade cega; e quando Volpato se dava os emboras de seu excellente methodo, quando citava seus dois discipulos como a honra da sua officina, e os herdeiros do seu talento. Dominica poderia reivindicar uma grande parte dos progressos de que seu pae tanto se ufanava. Porém Dominica tinha a mesma imparcialidade que Volpato? Julgava ella os artistas sómente no ponto de vista da arte? quer finesa, quer garredice, quer ingenuidade, talvez mesmo por esses tres motivos reunidos, Dominica se estudava afim de nunca fazer pender por muito tempo a balança mais para um lado que para outro. Preferia, ao envez d'essas indifferentes que aprazem-se em desesperar igualmente todos os seus adoradores, alimentar suas esperanças. Os sorrisos, as innocentes familiaridades, as ingenuas blandicias ou arrufos de irman, eram medidos com um calculo tanto mais exacto, quanto ella o

Nos combates e batalhas não é permittido matar, porém, procurar destruir essas massas, tirar-lhes os meios de resistencia.

E a historia moderna já archiva factos que provam a acceitação e pratica d'esta doutrina.

Já não se produzem guerras de exterminio, em que todos os meios são licitos, e cujos quadros fazem a humanidade estremecer.

As guerras se fazem por meio de combinações de movimentos taes que cortem ao inimigo os meios de acção, tirando-lhe toda a força e impossibilitando-o de resistir.

Logo que elle deponha as armas ou não se apresente como massa de resistencia, cessa o direiio de aggressão.

Esses principios fecundos que o direito tem estabelecido são adoptados pelas nações civilisadas que comprehendem que o progresso é uma lei da humanidade.

Que a igualdade e a justiça fossem igualmente abraçadas, não seriam irrealisaveis os sonhos de alguns espiritos elevados que pensam na paz universal.

J. RIBEIRO DA SILVA JUNIOR.

Mathematicas.

ELIMINAÇÃO DAS CONSTANTES ARBITRARIAS.

Sendo-nos dada a questão que publicamos, para ser resolvida, encontrámos, em consequencia das fracas forças de que dispomos, não pequeno embaraço em obter o resultado á que chegámos; a variedade de meios de que dispõe o calculo differencial, offereceu-nos recursos de que lançámos mão, e submettemos ao juizo dos nossos companheiros, que mais habilitados, poderão emittir a sua opinião.

Eliminar as funcções arbitrarías

(f, φ, ψ) da equação;

$$xf'_x + y\varphi'_y + z\psi'_z = 1 \dots \dots \dots (a)$$

na qual x é uma funcção de x e y , e z é dado pela equação:

$$xf'_x + y\varphi'_y + z\psi'_z = 0 \dots \dots \dots (b)$$

Sendo f', φ', ψ' os coefficients differenciaes de f, φ e ψ .

desfarçava melhor escudando-se com uma ingenuidade apparente.

Jámais declarações indirectas, porém claras, timidas, porém sinceras tinham sido melhor repellidas por esses acumes bigúmeos, que compoem a metade da diplomacia de uma loureira.

Dominica devia achar-se ás horas do costume perto de seu pae. Antonio Canova pedio a Volpato uma conferencia particular.

— Tu tambem, lhe respondeu Volpato; vamos, eu já esperava que assim acontecesse; quanto andei, caminho certo em não me comprometter com Raphael! Raphael precedera á Antonio vinte e quatro horas, e Volpato lhe poupou longos discursos.

— Meu caro Antonio, lhe diz elle, se houveras recebido de minha Dominica alguns indicios de preferencia, a minha resposta seria mais facil; não tenho senão um pesar, pois que meus dois discipulos me são igualmente caros; porque razão o céo só me deu uma filha? Entretanto, se não me é dado pronunciar como pae, posso, como artista, propor-vos um meio de obter a mão de Dominica; eu a prometto á aquelle que desenhar seu retrato mais fielmente.

(Continúa.)

Diferenciando a equação (a) em relação á x temos:

$$x' \alpha dx + f \alpha dx + y \psi' \alpha dx + z \psi' \alpha dx + \psi \alpha dx = 0$$

dividindo por dx

$$x' \frac{d\alpha}{dx} + f \alpha + y \psi' \alpha \frac{d\alpha}{dx} + z \psi' \alpha \frac{d\alpha}{dx} + \psi \alpha \frac{d\alpha}{dx} = 0, \text{ ou}$$

$$(x' f \alpha + y \psi' \alpha + z \psi' \alpha) \frac{d\alpha}{dx} + f \alpha + \psi \alpha \frac{d\alpha}{dx} = 0.$$

Em consequencia da equação (b) nullificando-se o coe-
ficiente de $\frac{d\alpha}{dx}$ resulta

$$f \alpha + \psi \alpha \frac{d\alpha}{dx} = 0 \dots \dots \dots (c)$$

Diferenciando agora a mesma equação (a) em relação á y , o que facilmente se obtém fazendo para o termo em y o que fizemos para o termo em x , e dividindo a equação differencial por dy , temos:

$$\psi \alpha + \alpha \psi \frac{d\alpha}{dy} = \dots \dots \dots (d)$$

Ora nas equações (c) e (d), $\frac{d\alpha}{dx}$ e $\frac{d\alpha}{dy}$ sendo ambos funcções de α podemos suppo-los nm funcção do outro, e se represen-
tarmos por F a característica que os liga, temos $\frac{d\alpha}{dx} = F \frac{d\alpha}{dy}$.

Resta-nos agora eliminar a funcção F ; para isso differen-
ciemos esta ultima equação em relação á x e depois á y .

$$\frac{d^2 \alpha}{dx^2} = F' \frac{d^2 \alpha}{dx dy} \cdot \frac{d\alpha}{dy}, \quad \frac{d^2 \alpha}{dx dy} = F' \frac{d\alpha}{dy} \cdot \frac{d^2 \alpha}{dy^2}$$

Applicando um dos processos de eliminação de incognitas.

$$\frac{d^2 \alpha}{dx^2} \cdot \frac{d^2 \alpha}{dy^2} = F' \frac{d\alpha}{dy} \cdot \frac{d^2 \alpha}{dx dy} \cdot \frac{d^2 \alpha}{dy^2},$$

$\frac{d^2 \alpha}{dx dy} \cdot \frac{d^2 \alpha}{dx dy} = F' \frac{d\alpha}{dy} \cdot \frac{d^2 \alpha}{dy^2} \cdot \frac{d^2 \alpha}{dx dy}$; d'onde subtrahindo a 2.^a
da 1.^a

$$\frac{d^2 \alpha}{dx^2} \cdot \frac{d^2 \alpha}{dy^2} - \left(\frac{d^2 \alpha}{dx dy} \right)^2 = 0.$$

Equação differencial de todas as superficies desenvolviveis.

J. Clarindo de Queiroz.

Duas victimas do cynismo.

I

FATALIDADE.

Ernesto Nunes era natural da provincia da Bahia; unico fructo do mais terno amor seus paes o queriam com estre-
mecimento.

Chegado que foi á idade de quinze annos, teve Ernesto de deixar pela primeira vez a casa paterna e seguir para a capi-
tal de sua provincia, onde em um collegio devia dar começo á cultura de sua intelligencia. Ali foram tantos e tão rapidos os seus progressos na senda das lettras, que por mais de uma vez recebeu de seus mestres elogios que jámais dispensaram aos seus condiscipulos.

Apenas concluido o estudo dos preparatorios exigidos para a matricula do curso juridico, resolveu-se Ernesto a partir para a Europa, afim de estudar ali, além de outras materias, desenho e musica, artes de sua predilecção.

Futuro herdeiro de avultados haveres, bem pouco lhe im-
portava a posse de um pergaminho scientifico; verdadeiro anêjo jámais trocava a liberdade do campo pelo servilis-

mo da côrte, o doce murmurio de suas fontes pelo estridor das carruagens, a singeleza da aldeia pelo fasto das cidades.

Ernesto era um poeta: adormecia á sombra das florestas ouvindo os quebros das aves, respirando uma atmosphera de perfumes; enlevar-se na contemplação dos sublimes paineis da natureza; ser enfim como seu pae honrado lavrador — era o seu mais lindo sonho — sua mais ardente aspiração.

Antes de entregar-se, porém, á uma tal vida, queria o moço possuir os materiaes indispensaveis ao engrandecimento dos seus encantos.

O conhecimento de algumas sciencias naturaes lhe era de urgente necessidade. Sem ellas nunca poderia apreciar devi-
damente as maravilhas do Creador.

Uma viagem pois á Europa fazia-se-lhe precisa, não só pela facilidade que ali encontraria em fazer seus estudos, como ainda admiraria com seus proprios olhos esses quadros tão soberbos, cujas simples descripções tantas vezes o tinham arrebatado.

Grande foi porém o obstaculo que se apresentou de prompto á realização dos seus desejos: — sua mãe amava-o sobre-
maneira, para não consentir em tal projecto.

Ver-se tão longe de seu filho sem poder estreita-lo todos os dias contra o seu peito, protege-lo com os seus conselhos, cerca-lo de mil desvelos, sentinellar á sua cabeceira, quando enfermo, adoçar-lhe com as suas caricias o amargor dos reme-
dios, eram razões mais que bastantes, para não prestar-lhe o seu assentimento. E, demais, uma voz, dizia ella, fallava-lhe ao ouvido, e lhe prognósticava que nunca mais o veria, se o deixasse partir.

Ernesto, porém, continuava sempre firme em sua resolu-
ção. Dotado de uma imaginação ardente, demasiado amante da poesia, sonhava Veneza com as suas gondolas, a Italia com os seus jardins, Roma com as suas ruinas; idolatra dos genios, tinha flores a depositar sobre tumulos.

Renhida foi a luta; mas o moço sabia pedir com tanta ternura, e tão extremado era o amor de sua mãe, que final-
mente venceu.

Pouco tempo depois um paquete inglez deixava a bahia de S. Salvador; de uma das casas da cidade alta dous lenços brancos acenavam um ultimo adeus de despedida; de sobre o tombadilho do vapor um moço, immerso na mais profunda tristeza, respondia esse adeus, cessando seu lenço apenas de agitar-se para ensopar-se nas lagrimas que lhe banhavam as faces. Ernesto partia.

Chegado que foi á Europa, seguiu o nosso joven caminho da Italia. Milão foi a cidade que escolhera, para n'ella fazer os seus estudos.

Possuidor de uma intelligencia robusta, pouco tempo bas-
tou-lhe para assenhorear-se do italiano, e desde então longas horas passou engolfado na leitura d'esses cantos tão maviosos, que só poetas como Petrarca, Tasso e Dante, sóem modular.

A litteratura, a pintura e a musica mereceram-lhe a mais séria applicação.

De hamuito desejava Ernesto ser um bom pianista: era pois occasião de conseguir o seu almêjo. Na côrte da harmonia, na galeria dos grandes mestres só lhe convinha estudar, e nunca se achara mais disposto a locubrações.

— Nada resiste a perseverança do homem, mórmente quando

ella se reunem uma intelligencia brilhante e uma razão esclarecida. Ernesto entregando-se com affinco ao estudo de seu instrumento predilecto não deixava a menor duvida sobre o seu aproveitamento.

Assim foi.

Um dia, após dous annos de acurado estudo, executava o joven brasileiro uma variação de Thalberg; seu mestre o ouvia com admiração, pois era de admirar em um tão curto espaço de tempo um progresso tão consideravel. O velho professor não o deixára acabar; tremulo de prazer e de orgulho, toma-o em seus braços, e, qual um pae a um filho, lhe pede que prosiga na cultura de seu talento e — em breve sereis, dizia elle, um pianista de nome, um artista consumado.

Bem quizera o moço realizar um prognostico tão lisongeiro; mas para isso fôra mister demorar-se por mais tempo em Milão recebendo as lições dos grandes mestres; o coração, porém, começava a chama-lo a outros lares, e Ernesto dava-se pressa em partir.

Só quem já viajou poderá bem comprehender o que seja a existencia levada em terra estranha longe d'aquelles por quem se estremece de amor e de amisade! Ao principio tudo é flores, perfumes e magia; mas logo só espinhos, e espinhos que ferem ao coração! Aos candidos lirios do prazer succedem as roixas flores da saudade, aos dourados sonhos de poeta as tristes sombras de um saimento funebre.

Nada mais agradável que a realisação de uma viagem, quando esta nos promette uma admiração continua, um perenne gosar.

O dia da partida é comtudo escurecido sempre pelas nuvens da tristeza, molhado pelas lagrimas da saudade. Mas em breve essas nuvens se dissipam, volta a alegria, duplicam-se os encantos, porque a novidade incumbe-se de magnetisar os quadros mais communs.

A vida corre serena, os dias vão-se velozes e o pensamento, sempre lêdo, livre vâa sem encontrar em seu caminho sequer um ponto negro que lhe manche a candura das azas.

Um tempo vem porém, em que as scenas começam a cam-biar-se. O sorriso foge dos labios, o coração se dilata, o peito se comprime, e a vida parece apagar-se á falta de ar.

Entretanto, um pensamento se prende á imaginação, e o segue em toda a parte — é a lembrança da patria — a saudade dos paes, irmãos e amigos.

Ernesto era mais uma prova d'esta verdade.

(Continúa.)

A. NORBERTINO.

POESIAS

A' ella.

Se é doce nos prados ouvir-se o murmúrio
Das aguas, que leves serpêam cristaes;
Se é doce o gorgoio sonóro das aves,
D'abelha o zumbido nos seus laranjães;

Se é doce uma nota de terna saudade
Vibrada na clave de dôres transida;
Se é doce o sibilo da brisa nos bosques,
Nas grutas sombrias, na selva florida;

Mais doce, sublime, tem mais melodia
Um canto que entões ao leve teclado,
Qual anjo tangendo na lyra divina
Um hymno celeste de amor inspirado.

Teus olhos são astros gentis luminosos,
Que ateam nas almas centelhas de amor;
Teus labios são puros rubins preciosos
São folhas de rosa purpurea na côr;

Teus negros cabellos, folgado innocente
Do loiro e travesso menino vendado,
Do arco teceram-lhe a corda, que a séta
Despede a ferir-me no peito abrasado.

Teu seio? !... não posso, não devo cantar
Um santo thesoiro de excelsa candura!!
A lyra se quebra buscando uma nota
Mais alta que os astros, que os anjos mais pura!

Perdoa, mimosa, se os meus devaneios
Em loucos transportes te ousáram cantar;
Se crime commetto, só Deus é culpado;
Quem pode te vendo, deixar de te amar?!!

A. Norbertino.

Amor primeiro.

No remanso do leito tenho ás vezes,
Pesadêlos profundos;
Parece que a minh'alma pensativa,
Percorre aéreos mundos;
E uma sombra de fada n'esses sonhos,
Vejo em torno adejar;
E eu sinto cá por dentro um quer que seja,
Que não posso explicar:

E esses sonhos, meu Deus, serão chiméras
De insolita magia,
E esse sonhar de fada, imagem célica
De pura phantasia? !
Oh! não, não póde ser; eu n'elles vejo,
O real qu'eu procuro:
E n'esse quer que seja inexplicavel,
O amor que está maduro:

Mulher, onde tu stás, corre á meus braços,
Que eu quero possuir-te,
Da vida, o sacrificio custe embóra,
Heide sempre seguir-te.
Quero ter a ventura nos teus labios,
A gloria em teus amores,
E quero inebriar-me nos aromas,
Da mais bella das flores.

Levanta n'este peito ainda virgem,
De amor um monumento:
Consente que eu recline a fronte enferma,
E eu collo um momento:

Se amor enerva os homens, enervado,
Quero ser um cobarde ;
Oh! ninguem sabe como é doce o somno,
N'um seio em que amor arde.

Se o laço que nos prende, doce e bello,
Liga dois corações:
A nós que importa o mundo, patria ou gloria
E as mais aspirações ?
Para mim, o horisonte dos amores,
Illumina a existencia :
Para'ti, o futuro esparge flores
Na estrada da innocencia.

E eu quiséra viver annos infindos,
Somente para amar-te ;
Quiséra ter o coração elastico,
Para mais adorar-te :
Bandoleiros no amôr, amem os outros
A' todas as mulheres ;
Que eu escravo de amor, me obrigo a tudo,
Que tu, virgem quiséres.

Bernardo Gomes Braga.

Quem dera!...

Quem dera, minha morena,
Minha formosa açucena
Que no teu seio eu vivesse !
Quem dera que no teu rosto
Que no teu bello composto
Minha vida revivesse !

Quem dera que as nossas flôres
Perfumando as nossas dôres
Mostrasse o sol da ventura !
Quem dera que a nossa vida
Mimosa, terna, vivida
Nos levasse á sepultura !

Quem dera, minha morena,
Minha formosa açucena
Qu' eu morresse aos teus olhares !
Quem dera que na tu' alma
Eu sentisse a morte, a calma
E essa luz dos meus sonhares !

Quem dera ver-te, meu lyrio,
Livre já d'esse martyrio
Dar-me um beijo, um som de amor,
Quem dera que nos teus braços
Em langorosos abraços
Sentisse morrer-me a dôr !

Quem dera, minha morena,
Minha formosa açucena
Que no teu seio eu vivesse !
Quem dera que no teu rosto
Que no teu bello composto
Minha vida revivesse !

R. Montenegro.

Boletim scientifico.

Acompanhar a sciencia em seu desenvolvimento, avaliando as quantidades de movimento que ella tem adquirido e archivando os acontecimentos que n'ella se succedem, exige profundo conhecimento de todos os ramos esgalhados da antiga Philosophia.

Pesámos esta consideração antes de acceitarmos a direcção do Boletim Scientifico da *Tribuna Academica* ; cedemos, porém a outra de alguma importancia.

Redigido por estudantes, este periodico representa mais um esforço da mocidade contra o indifferentismo com que acolhem os seus trabalhos e a ingratição com que os recompensam.

Não podiamos furtar-nos ao dever de acompanhar os nossos collegas e ajuda-los a levar a cruz ao calvario. Registrar n'estas columnas os factos mais importantes do mundo scientifico, foi a tarefa que nos reservaram.

As nossas faltas recairão sobre aquelles que confiaram em nós demasiado.

— *Astronomia Sideral* — Observando-se a aboboda celeste á noite, quando a atmospheria esteja despida de nuvens, notam-se pontos luminosos, que, parecendo conservar entre si as mesmas distancias, denominaram-se astros fixos ou estrellas.

O progresso da sciencia astronomica, pronuncia-se contra a propriedade d'aquella denominação.

Auxiliados pela optica, os astrónomos, desde o meio do XVIII seculo, reconheceram que muitos dos astros que se apresentam apenas como pontos brilhantes, são multiplos e compostos de 2, 3 até 6 estrellas distinctas.

Procurando determinar as distancias d'estes astros, Herschel obteve resultados que revelaram um movimento nas componentes dos duplos, estabelecendo uma distincção profunda entre as estrellas duplas physicas e as duplas opticas.

Aquelle astrónomo admittira que as componentes fossem independentes e estudára o movimento que lhes corresponderia, em consequencia do deslocamento do nosso globo no espaço.

Em lugar de um movimento de oscilação que deveria produzir-se, reconheceu um que variava progressivamente.

O caracter que distingue as componentes das estrellas duplas physicas é a existencia de um systema entre ellas ; as duplas opticas assim se apresentam em consequencia da perspectiva.

Ahi não pararam ainda as conquistas da sciencia que actualmente tão vasto campo offerece a indagações. Por meio de observações rigorosas tem-se observado os elementos das curvas descriptas por estas estrellas, admittindo as leis da gravitação, e a perfeita harmonia que existe entre os resultados do calculo e as observações ulteriormente feitas, justifica que a gravitação rege os systemas sideraes.

— *O calor considerado como uma especie de movimento.* — A natureza do calor, tem sido o objecto de duas theorias que se pretende basear em hypothesis contrarias.

Uns admittem que essa natureza seja material, considerando o calor um fluido subtil que se introduz nos átomos dos

corpos ; outros são de opinião diversa e pretendem que seja elle um accidente, uma condição da materia, isto é, um movimento de suas ultimas moléculas.

Adoptando a ultima theoria, M. Johs Tyndall, em uma obra que publicára ultimamente, estabelece que esse movimento pôde ser gerado pelo attricto, percussão, compressão, e combustão.

Elle observa que o calor produz força mecanica e a força mecanica produz calor. Estuda o effeito do calor nas moléculas de um corpo, notando o movimento produzido. Abunda ainda em experiencias para provar que o movimento e o calor se reproduzem reciprocamente.

De tudo isso concluímos que o physico inglez não estudou a natureza do calor, e sim os seus effeitos. E' este tambem, quanto a nós, o defeito da theoria dynamica ; o movimento meolecular, parece justificar a theoria material.

— *Fecundação artificial.* — A fecundação é uma função essencial ao desenvolvimento do ovulo, e sua transmutação em fructo.

A natureza, sempre previdente, facilita os meios a seu exercicio, o vento e os insectos a auxiliam, transportando o pollen ao stigma. Entretanto diversas circumstancias concorrem para que ella nem sempre se preencha ; d'onde a necessidade de faze-la artificialmente, e os resultados vantajosos que colheria então a agricultura.

Com effeito, M. Hooibrenck, em França, entregou-se a realisação dessa idéa, e obteve fecundar artificialmente cereaes e outras arvores. Os trabalhos d'aquelle horticultor prenderam a attenção publica e commissões, foram encarregados de acompanha-los e avalia-los.

Chronica.

Encetando-se a publicação da *Tribuna Academica*, foi-nos confiada esta parte ; vamos collaboral-a o mais summariamente, tanto quanto nos permite o plano do periodico. A serie de nossos artigos não dará aos leitores uma critica apurada e judiciosa, será antes um indicador, frouxo reflexo dos luseiros de nossa imprensa.

Fallemos dos *Ensaio Litterarios* ou, melhor, de sua *Revista Mensal*.

Sobre o artigo — *Poesias* — qualquer abalitado critico daria um rosario de conselhos e citaria meia duzia de preceitos ; nós, apreciando, talvez não rasoavelmente, á cima das regras da metrificação, o que crea a imaginação e o sentimento re-trata : as classificamos medianas, nas ideias, gosto e forma. E mesmo, tal classificação lisonjjará seus auctores, admittida a letra do velho adagio latino.

Deixando o verso e a *prosa* do artigo subscripto pela *Redacção*, devidamente louvamos o espirito de colleguismo do Sr. Teixeira Leitão, e *nem* mais *divagaremos*, para occupar-nos da *Chronica*.

Accompanhamos o auctor em seu justo pesar pelo infausto golpe que recebeu, e ahi encontramos a justificação para o restricto serio, que se observa no escripto.

Agradou-nos a critica á *Punição*, agradou-nos pela logica, pela imparcialidade, pelo acerto. Bem tempo ha que não

vemos trabalho de tanto merito n'este genero. Se o instruido censor fosse lido attentamente por aquelles á quem é confiada a direcção e instrucção populares, certamente as suas opiniões, sobre theatro, seriam acceitas como merecem: fiquê porê, certo o chronista de que o publico sensato mais se louva nas analyses de quem estuda e reflecte, que nos traços de uma penna manejada pela inveja ou molhada em tinta corrupta pela lisonja.

O autor dos — *Cantos da solidão* — calara-se, deixara de tanger a afinada lyra : estavamos saudosos.

Mas... elle reaparece.

E' a *Actualidade* o orgão da publicidade de suas producções.

O *Galope infernal*, *A rede*, *Idyllio*, *Adeus ao meu cavallo branco*, vieram mostrar-nos que seu éstro está ainda acceso e que dispõe de recursos bem numerosos.

Leia-se a *Orgia dos duendes*, poesia de genero phantastico, cuja honrosa paternidade damos ao poeta, que não se hesitará em julga-la, por si só, sufficiente para firmar uma reputação litteraria. Pelo dedo se conhece o gigante.

O genero phantastico ainda não foi cultivado em nosso paiz, aberta a senda á cohorte de nossos poetas, seria conveniente advertir-lhes das difficuldades a vencer. Requer, com effeito, este genero de poesia as repetidas onomatopeias, originalidade no estylo, graça e vivo colorido, familiarisação com a giria dos povos.

Passar para verso polido, despertando a curiosidade do leitor, unindo á graça a mais rigorosa metrificação, as lendas dos nossos sertões; trazer para o dominio da litteratura classica e instructiva as grosseiras historias d'aquellas paragens, é tarefa de que só se encarregam os espiritos privilegiados.

E pois, sejam cautelosos os imitadores ; lembrem-se entretanto que o assumpto é dos mais interessantes : — o drama entre seres inverosimeis.

As duas sociedades, — *Atheneu Central* e — *Nucleo Polymathico*, ambas, filhas da *Escola Central*, caminham regularmente.

A primeira reformou ultimamente seus estatutos. Entre as theses que tem discutido, merece particular menção a que trata da *theoria dos imponderaveis de Olivieri fundada sobre as leis de chimica e biologia*, cujo estudo por difficil e importante, muito honra aos lidadores que d'ella se tiverem occupado com vantagem.

No *Nucleo Polymathico*, discutio-se ácerca da antiguidade da chimica e trata-se presentemente de indagar qual o descobridor dos aerostatos.

Escusamos manifestar o mais ardente desejo de que prosperem taes sociedades, verdadeiros palcos de ensaio para os futuros papeis politicos, litterarios e scientificos.

Sentimos não possuir tambem dados exactos para commu-nicar o que ha sobre o — *Atheneu Medico* —, sociedade dos alumnos da Faculdade de Medicina d'esta côrte ; sabemos entretanto que nas lutas de suas opiniões, mostram a mesma applicação e talento que nos bancos de suas aulas.